

INTERSECÇÃO ENTRE GÊNERO E TERRITÓRIO: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS RESISTÊNCIAS NO MARANHÃO RURAL

Aldenor da Silva Ferreira ¹

INTERSECTION BETWEEN GENDER AND TERRITORY: A SOCIOLOGICAL ANALYSIS OF RESISTANCE IN RURAL MARANHÃO

INTERSECCIÓN ENTRE GÉNERO Y TERRITORIO: UN ANÁLISIS SOCIOLÓGICO DE LA RESISTENCIA EN EL MARANHÃO RURAL

Esta **resenha** tem como referência bibliográfica a seguinte obra:

MATOS, Maria Izilda Santos de; BORELLI, Andrea; SCHWARTZ, Rosana. **Quebradeiras de coco babaçu**: gênero, lutas, sustentabilidade e terceiro setor. São Paulo: e-Manuscrito, 2022.

O livro “Quebradeiras de coco babaçu: gênero, lutas, sustentabilidade e terceiro setor” de autoria de Maria Izilda Santos de Matos, Andrea Borelli e Rosana Schwartz, apresenta uma pesquisa abrangente acerca das interações entre gênero, meio ambiente, mobilização comunitária e economia solidária no cenário de mudanças ocorridas na sociedade do nosso tempo. É resultado de um projeto elaborado pelo Núcleo de Estudos da Mulher da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com o apoio do Programa Especial de Inclusão Social, Igualdade e Cidadania. O livro se fundamenta em uma vasta base documental e analítica para compreender as vivências das quebradeiras de coco babaçu da região do Médio Rio Mearim², no estado do Maranhão, como uma manifestação concreta da resistência feminina e da luta por atividades econômicas e sociais sustentáveis.

O livro está dividido em três partes distintas e complementares. Na primeira parte, denominada “Mundialização, ONGs, Redes e Terceiro Setor”, Matos, Borelli e Schwartz (2022) elaboram um panorama tanto teórico quanto histórico sobre a formação do campo das organizações não governamentais, redes de solidariedade e ações do denominado Terceiro Setor. Esse percurso

¹Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Conservação e Sustentabilidade (PPGCS) do Centro de Ciências da Natureza (CCN) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), câmpus Lagoa do Sino. São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: aldenorferreira@ufscar.br

² O Médio Mearim, com Pedreiras como cidade-polo, é uma região de planejamento do Maranhão e integra o chamado “Território Empreendedor”, que reúne 11 municípios voltados ao desenvolvimento territorial colaborativo. A área é nomeada em referência ao rio Mearim, que nasce na Serra da Menina, entre Formosa da Serra Negra, Fortaleza dos Nogueiras e São Pedro dos Crentes. Ele percorre o estado no sentido sudoeste-nordeste e deságua na baía de São Marcos, entre São Luís e Alcântara. *Regiões Hidrográficas do Maranhão*. Disponível em: <https://www.nugeo.uema.br/>. Acesso em: 26 out. 2025.

encontra-se inserido nas transformações do capitalismo global, conectando a ampliação neoliberal com o surgimento de novas modalidades de participação política e de atuação social. O termo “mundialização”, conforme abordado por Castoriadis (1987), Santos (2000) e Beck (1999), serve para analisar as contradições entre a globalização econômica e a cidadania global, evidenciando as desigualdades estruturais de gênero e classe que, apesar dos avanços conquistados nos últimos anos, ainda permanecem na organização do capitalismo global.

Na segunda parte, denominada “Da invisibilidade ao gênero: trajetórias, perspectiva, possibilidades e desenvolvimento”, as autoras demonstram a inflexão teórico-metodológica da obra, reexaminam o percurso dos estudos de gênero, desde sua origem na década de 1970 até sua afirmação como uma categoria analítica vital para a compreensão das desigualdades atuais. A seção destaca também a contribuição dos movimentos feministas e das batalhas das mulheres brasileiras durante o processo de redemocratização de nosso país, além da integração do conceito de gênero nos programas de pesquisa e políticas públicas. O empenho das autoras em relacionar as dimensões macroestruturais – globalização, neoliberalismo e desenvolvimento – às microestruturas do cotidiano das mulheres rurais configura um ponto alto dessa parte, refletindo a qualidades da obra.

Na terceira parte, denominada “ASSEMA: quebradeiras – uma luta pela preservação do meio ambiente e da cultura dos babaquais”, as autoras apresentam o núcleo empírico da pesquisa. A Associação em Área de Assentamento no Maranhão (ASSEMA) é considerada uma referência notável de organização social e ambiental sob a liderança feminina. As quebradeiras de coco babaçu são retratadas não somente como trabalhadoras do campo, mas também como agentes políticos que, ao se articularem em coletivos, desafiam normas patriarcais e estabelecem práticas sustentáveis de utilização dos recursos naturais. A análise dessa dimensão política da vida cotidiana – o trabalho enquanto forma de resistência – é realizada sob a ótica do empoderamento feminino e da ressignificação da cidadania a partir do contexto local.

Análise crítica e aportes teóricos

O livro *Quebradeiras de coco babaçu: gênero, lutas, sustentabilidade e terceiro setor* integra a tradição analítica que relaciona gênero, desenvolvimento e sustentabilidade, um domínio solidificado na América Latina com contribuições de autoras como Gohn (2001), Scherer-Warren (1999; 2002) e Montaño (2003). O mérito do livro consiste em proporcionar uma leitura sociológica abrangente, capaz de estabelecer um diálogo com o pensamento crítico latino-americano acerca da função das ONGs, das redes comunitárias e das mulheres na reorganização do espaço público. Nesse contexto, ao reabrir a discussão acerca do Terceiro Setor, a obra evita a simplificação de contrastar emancipação e cooptação. Ela revela como esse campo é híbrido e repleto de tensões: de um lado, a comercialização da solidariedade, e, de outro, o surgimento de novas

modalidades de ação coletiva fundamentadas na ética da responsabilidade social.

No plano metodológico, as autoras mostram sensibilidade ao integrar análise documental, revisão teórica e observação de campo. A existência da memória oral das quebradeiras e a reconstituição histórica da ASSEMA evidenciam a valorização de uma epistemologia contextualizada, que reconhece a voz feminina e a vivência concreta como fontes essenciais de saber. Tal postura fortalece uma visão de ciência social engajada na transformação social e na equidade de gênero, mantendo, contudo, o rigor analítico. Além disso, o livro também ressalta uma crítica à neutralidade das categorias preponderantes de “desenvolvimento”. Ao reconstituir a trajetória das ONGs e do Terceiro Setor, revela que a terminologia relacionada à eficiência e à gestão, frequentemente oriunda do ambiente corporativo, tende a eliminar a dimensão política das reivindicações. Nesse contexto, a obra “Quebradeiras de coco babaçu: gênero, lutas, sustentabilidade e terceiro setor” resgata a capacidade transformadora da mobilização popular e das práticas cooperativas fundamentadas, nas quais a sustentabilidade se configura menos como retórica e mais como uma prática social cotidiana.

Relevância e atualidade

A relevância do livro “Quebradeiras de coco babaçu: gênero, lutas, sustentabilidade e terceiro setor” vai além da documentação etnográfica e da reconstituição de uma vivência particular. A obra auxilia na compreensão do feminismo popular da Amazônia e do Nordeste, das formas de resistência comunitária e do surgimento de uma economia solidária fundamentada em práticas tradicionais. Ao evidenciar a atuação política das quebradeiras, Matos, Borelli e Schwartz ilustram que o empoderamento feminino não se concretiza somente por meio da obtenção de posições institucionais, mas também pela habilidade de reconfigurar as interações com a natureza, o trabalho e o território.

Em períodos de retrocessos ambientais e de desmonte das políticas públicas relacionadas a esse segmento, a obra se torna imprescindível ao enfatizar a importância das mulheres na luta por sustentabilidade e na proteção dos bens comuns. Contribui, portanto, para a produção acadêmica que visa destacar a importância das comunidades tradicionais na elaboração de alternativas ao modelo capitalista de desenvolvimento predatório. Dessa forma, o livro representa simultaneamente um registro histórico, uma intervenção política e uma valiosa contribuição teórica para a discussão acerca de gênero, trabalho, meio ambiente e justiça social no Brasil.

Considerações finais

Concluo asseverando que o livro “Quebradeiras de coco babaçu: gênero, lutas, sustentabilidade e terceiro setor” constitui uma leitura essencial para discentes de graduação e pós-graduação, assim como para pesquisadores(as)



que se mostram interessados(as) nas intersecções entre gênero, trabalho, território, meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Ao reconstituir a história das quebradeiras de coco babaçu do Maranhão como protagonistas de mudanças sociais, a obra destaca aspectos negligenciados da cidadania e da sustentabilidade, sugerindo uma sociologia das resistências que emerge do solo do babaçuzal. Sua importância reside em demonstrar que o ato de quebrar o coco representa, igualmente, um gesto simbólico de quebrar e dismantelar estruturas de dominação relacionadas a gênero, classe, saberes e poder no Brasil e na América Latina.

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. **O que é globalização**. Equívocos do globalismo. Respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto 2** – O domínio do homem. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

MATOS, Maria Izilda Santos de; BORELLI, Andrea; SCHWARTZ, Rosana. **Quebradeiras de coco babaçu**: gênero, lutas, sustentabilidade e terceiro setor. São Paulo: e-Manuscrito, 2022.

MONTAÑO, Sonia. Políticas para el empoderamiento de las mujeres como estrategia de lucha contra la pobreza. In: ATRIA, Raúl; SILES, Marcelo (Comp.). **Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe**: en busca de un nuevo paradigma. Santiago del Chile: CEPAL/ Michigan State University, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente** – contra o desperdício de experiência. vol. 1. São Paulo: Cortez, 2000.

Recebido em: 30 de outubro de 2025.
Aceito em: 12 de dezembro de 2025.
Publicado em: 05 de janeiro de 2026.